

## Poder e paixão: a saga dos Caiado

### Prefácio

A recomposição do passado, sob a forma de memória histórica, resulta de um complexo processo de negociação entre presente e passado. O que deve ser lembrado e fixado na memória coletiva atende ao imperativo do presente, condensando fatos e repertórios, que, repetidos à exaustão, ganham duração e sentido. Dominado pelo presente, o passado é recomposto e se projeta para o futuro.

Sob o influxo da noção de progresso, a historiografia fez da Revolução de 1930 um rito de passagem para a modernização brasileira. Em contraposição, a experiência política da República Velha foi reinterpretada com as lentes dos que a derrotaram, dela subtraindo os elementos de constituição de sentido. E, em face disso, o passado assumiu a condição de ruína. É certo que essa percepção já foi alvo de acirrada crítica, mas a tradição vitoriosa nutre-se do conhecimento epidérmico que, disseminado tal qual o vento, adquire força representativa e domina o imaginário coletivo.

Neste livro, a professora Lena Castello Branco tem por objeto a revisão da memória de uma das mais tradicionais famílias de Goiás: os Caiado. Aliás, lembra ela que a história política do Estado está concentrada nas famílias, entre as quais três se destacam: os Bulhões, os Caiado e os Ludovico.

A construção de Goiânia nos anos 30 ordenou a temporalidade da região, e o passado assumiu a forma de estigma. Atraso, barbárie e violência se transformaram em representações rotineiras, emblemas de um tempo a ser negado e de uma família a ser esquecida. A memória revela sua face política; seus usos e abusos expressam uma luta no campo das representações. O presente visa ao passado, estabelecendo sentido e direção.

A envolvente narrativa, acrescida de minuciosa pesquisa, resultou nesta obra definitiva sobre a família Caiado. E, para isso, Lena Castello Branco analisou os principais acontecimentos políticos do mundo goiano entre os séculos XIX e XX, recuando até mesmo ao século XVIII, em busca dos rastros dessa família na época do ouro.

Trata-se, portanto, de um trabalho que ultrapassa a dimensão de uma história familiar, iluminando a vida social da Província e, em especial, das mulheres. As relações afetivas cultivadas na intimidade familiar formularam uma pedagogia amorosa fundada no apego ao ruralismo e às tradições goianas. Entre os retratos femininos destaca-se o de Consuelo Caiado, cujo papel fugia daquele tradicionalmente desempenhado pelas mulheres: dirigia o Gabinete Literário, comandava a casa e trocava cartas com Bertha Lutz, de quem recebeu, inclusive, um convite para participar do Congresso Feminista, em junho de 1931. Em sua velhice, ela morava, com seus gatos e livros, no sobrado da farmácia de sua propriedade, quase num autoexílio em que conservava suas manias e sua solidão. Ao sofrer um derrame, quis recusar-se a seguir para Goiânia, onde jamais estivera. Após dois dias faleceu no leito de um hospital. Sua recusa em pisar no solo da nova capital é reveladora do profundo ressentimento provocado pela mudança do centro político, que implicou a ruptura sentimental, o deslocamento interno entre o espaço de experiências e a expectativa de futuro da comunidade vilaboense.

A labuta com a documentação e com o confronto dos testemunhos conduziu a pesquisa à contestação da propagada imagem da família Caiado como opressora e violenta. As denúncias de barbaridades foram contrastadas com fontes reveladoras da tessitura da intriga marcada pela disputa de poder. Isso exige do leitor um maior cuidado ao aceitar versões disseminadas como verdades acerca da família que, por longo tempo, dominou a cena política goiana.

Por tudo isso, Poder e paixão: a saga dos Caiado representa um espaço reflexivo mediado pelo controle do método de pesquisa, mas nem por isso isento de paixão. A aproximação entre memória e história conduz o pesquisador a um território tenso: a história de uma família partilha de um sentido de verdade e agrega ao documento um sentimento íntimo. Ao revelar uma identidade que ultrapassa a perspectiva de controle, a lembrança se lança ao reconhecimento e o passado parece redivivo. A identidade, portanto, é constituída no ato de reunir documentos/monumentos e lembranças em torno de um passado que ainda parece residir na rústica sede da fazenda. Com aguçada sensibilidade, a professora Lena Castello Branco percorreu esse chão vermelho do cerrado goiano, numa difícil trilha em que se percebe o encontro entre a memória e a história.

Noé Freire Sandes

Professor do Departamento de História da

Universidade Federal de Goiás

--

Nos livros de História de Goiás, pouco se fala da Velha República. Quando o silêncio é quebrado, quase nada é dito das iniciativas e realizações dos agentes históricos do período. Subjacente, identifica-se a ideia de que esse foi um tempo destituído de interesse e significado, quando coronéis atrasados uniram-se em uma oligarquia violenta e retrógrada, cuja expressão emblemática seria um certo Totó Caiado – homem de maus bofes, que mandava matar os adversários e arrancar-lhes as orelhas.

Em um estado agropastoril, impôs-se, paradoxalmente, o consenso de que os proprietários rurais eram – continuam sendo? – protótipos de arrogância, de ignorância e de insensibilidade social, além de expoentes de maldade e brutalidade.

Quem trava conhecimento, todavia, com antigas e tradicionais famílias goianas constata que esse perfil não condiz com as personagens reais, partícipes da História, que são lembradas por seus descendentes como homens e mulheres fortes, destemidos, trabalhadores e éticos, enamorados de sua terra, desejosos de vê-la progredir e destacar-se no seio da federação brasileira.

Relativamente aos Caiado, a amizade com Brasilete Caiado foi decisiva para suscitar-me dúvidas quanto à veracidade de tão depreciativas afirmações, pois ninguém mais idealista do que ela, refinada e autêntica vilaboense, ao mesmo tempo batalhadora e amante da cultura.

De outra parte, a convivência com outros membros do clã revelou-me pessoas educadas e sensíveis, de mente aberta e receptiva.

Ao dar início à elaboração de Poder e paixão: a saga dos Caiado, deparei-me com a forte representação negativa da família, que, disseminada no imaginário popular, contaminou o próprio sobrenome Caiado. Optando pela “história-problema” – que permite apreender o indivíduo em interação com a sociedade –, entrevi, nesse fato, o fulcro dos questionamentos para os quais buscaria resposta: como e por que se deu a demonização dos Caiado – e, em especial, do senador Antônio (Totó) Ramos Caiado?

Na disseminação do estereótipo atribuído aos Caiado, até que ponto foi decisivo o contexto histórico das décadas de 1920 e 1930? Como atuou, nesse sentido, a força da propaganda somada à suspensão das liberdades individuais, durante o Estado Novo? Na história da Primeira República, o que comprova ser irremediavelmente ruim o caiadismo, ou seja, a predominância política do grupo liderado por Totó Caiado? O que evidencia que os políticos da Velha República tenham sido retrógrados, violentos e corruptos? Se verdadeira a assertiva, por que só os situacionistas foram apontados como tal? Sustenta-se em provas documentais a generalização desses atributos aos políticos ditos “carcomidos”? Ou será ela resultante de elaborações calcadas em divergências que, no fundo, eram mais contingenciais e emocionais do que reais?

Outras indagações se impuseram: como e quando os Caiado se radicaram em Goiás? Como se afirmaram eles, do ponto de vista econômico, social e político? Até que ponto poderão ser vistos como emblemáticos da sociedade que se formou no distante continente goiano? Quais as características de um grupo familiar que se mantém ativo na política, regional e nacional, há aproximadamente 150 anos?

Dúvidas persistem, igualmente, quanto à emergência da facção oposicionista que se formou em Goiás, a partir de dissidências familiares e políticas, envolvendo parentes e antigos correligionários: o que, de fato, os terá inspirado e instrumentalizado? Por que o caráter obsessivo e irredutível da oposição ao governo, tal como era feita na década de 1920? De onde viria a marca de paixão, de ódio pessoal e de vindita que a caracterizou? Como atuaram, de fato, os oposicionistas, com vistas a derrotar o caiadismo – inclusive pela força das armas?

Destituídos do poder em 1930, reduzidos à condição de “situação decaída”, os Caiado enfrentaram perseguições e constrangimentos: foram presos, responderam a processos, sofreram prejuízos econômico-financeiros e de ordem moral. Encontraram forças e meios para garantir a permanência do status social e da capacidade de liderança, preparando o retorno que se daria através da geração pós-1945: o que os inspirava e conduzia? Como se deu a volta do clã à política e ao Congresso Nacional?

Como se vê, é instigante a problemática esboçada. Para trabalhá-la, fez-se necessário precisar balizas cronológicas, espaciais e temáticas. Optei por delimitar o trabalho entre 1770 – quando foi concedida uma sesmaria de meia légua em quadra ao português Manoel Cayado de Souza, o primeiro do nome a estabelecer-se em Goiás – e 21 de abril de 1960, data da inauguração de Brasília, fixada através de lei da autoria do deputado federal Emival Ramos Caiado, descendente em sexta geração daquele pioneiro.

O estado de Goiás e sua antiga capital, a Cidade de Goiás, são os cenários onde, prioritariamente, desenrola-se a saga de poder e paixão, que teve como fulcro a contribuição dos Caiado à História de Goiás e do Brasil.

Do ponto de vista temático, impossível seria estudar toda a numerosa família. Não me seduziu a tarefa de ampliar ou completar os estudos genealógicos existentes, segundo os quais, do tronco inicial fincado em terra goiana, ramificações alcançaram outros estados, multiplicando-se em centenas, talvez milhares de descendentes.

Decidi por restringir o estudo aos integrantes do que seria a “espinha dorsal” dos Caiado, ou seja, àqueles que se projetaram dentre os demais: o já citado Manoel Cayado de Souza, seguindo-se um dos seus netos, Antônio José Caiado, que foi deputado à Assembleia Legislativa, governador do estado, senador da República e patriarca de várias gerações de políticos. Destes, focalizo o filho Torquato Ramos Caiado; os netos Totó Caiado, Brasil Ramos Caiado e Leão Ramos Caiado. Concluo com o perfil do bisneto, Emival Ramos Caiado.

Além dos homens que atuaram em diversas frentes da política, da economia e da sociedade, foram contempladas figuras femininas, com destaque para Iracema de Carvalho Caiado, Consuelo Caiado e Maria Adalgisa (Mariquita) de Amorim Caiado.

Em um trabalho dessa natureza, não há como refugir ao tracejamento biográfico. Procurei fazê-lo de forma que os indivíduos estudados, vistos em si mesmos, fossem também identificados como fragmentos privilegiados que permitissem perceber o contexto histórico em que se inserissem, possibilitando o acesso a problemas que interessavam ao historiador. Exemplificando: Antônio José Caiado desvela o universo do regime monárquico e a transição para a República; Totó Caiado revela o tumultuado mundo da política regional, em que exerceu forte liderança; Consuelo Caiado acena com a cultura letrada e o universo feminino; Iracema de Carvalho Caiado contrapõe a sofisticação da então capital federal ao provincianismo da Cidade de Goiás.

Para a elaboração de tais perfis, foi necessário enfrentar o recorrente problema das fontes, que assoberba historiadores e biógrafos. Na escolha de um indivíduo para ser biografado, ganha relevo a circunstância de que as fontes em torno dele permitam delinear aspectos da sua vida pública e particular, seus gestos espontâneos e também suas performances intencionais. Quando se focalizam figuras conhecidas – como o foi Totó Caiado –, o pesquisador segue um movimento pendular de ir-e-vir, entre o individual e o coletivo, de tal sorte que resulte coerente o perfil do biografado, no tempo e espaço em que viveu e conviveu.

De acordo com Jacques Le Goff – um dos renovadores do gênero –, “só se pode escrever uma boa biografia se esta for sobre um personagem de quem se acredita ser capaz de chegar bem perto”.<sup>1</sup> Em outras palavras: as fontes disponíveis devem ser diversificadas e confiáveis, permitindo apreender os múltiplos aspectos do biografado. Faz-se mister que depoimentos e relatos orais sejam cotejados com a documentação escrita, sobretudo a de caráter privado. Dada a autenticidade que os caracteriza, pelo conteúdo informal e espontâneo, são particularmente interessantes os diários íntimos e as anotações, bem como a correspondência pessoal e familiar.

Quando se pretende biografar pessoas anônimas, é comum recorrer-se a inquéritos judiciais e processos criminais, pois é através da transgressão e do crime que – quase sempre – fica registrada a vida dos simples e dos excluídos.

Documentos dessa natureza são relevantes, outrossim, para a história dos Caiado, que foram excluídos da política e controlados no exercício de atividades e profissões liberais. Nos anos que se seguiram à Revolução de 1930, não lhes era permitido ter acesso aos meios pelos quais poderiam justificar-se ou responder a acusações. Manietada, a imprensa era quase inacessível aos “decaídos”, sobretudo em nível estadual; as assembleias e o Congresso permaneciam fechados; dissolvidos os partidos, não se organizavam reuniões, nem se realizava o livre debate de ideias. Quando veiculadas em pronunciamentos ou documentos oficiais ou semioficiais – entrevistas, comunicações, relatórios etc. –, as referências à situação “decaída” tinham caráter fortemente pejorativo.

Buscou-se ouvir a voz dos decaídos através dos inquéritos que os envolveram e que tramitaram em órgãos vinculados ao poder judiciário. Nestes, ainda que sob rígido controle, articulava-se algum tipo de contraditório. Consultar e analisar os processos instaurados na Comissão de Sindicâncias de Goiás permitiu conhecer uma outra face da História, em contraposição ao discurso do poder.

O perfil do indivíduo que se destaca em seu meio começa a ser construído coletivamente, em paralelo à sua própria existência física e concreta. Sobre ele projeta-se uma luz falsa que incide sobre sua pessoa, ainda em vida. Quando estuda os santos, por exemplo, o pesquisador vê-se de braços com fontes hagiográficas, em meio às quais as personagens emergem de forma idealizada, personificando arquétipos. Comentaristas, cronistas e biógrafos, contemporâneos do biografado, são co-construtores desse perfil imaginário: textos laudatórios apontam virtudes e acertos, bem como escondem imperfeições e defeitos; historietas, disseminadas com fins edificantes, acrescentam toques de realidade a essa elaboração.

De igual modo, mentiras, meias-verdades e calúnias atuam no sentido inverso, ou seja, na construção de mitos da maldade que se incorporam a personagens reais. Cola-se ao indivíduo uma “pele imaginária” – a expressão é de Barros<sup>2</sup> –, que resulta da mistura de excertos da verdade, criações da fantasia e fragmentos de valores individuais ou comunitários. Despir dessa vestimenta o biografado permitirá conhecê-lo melhor, mas há que aproveitá-la para resgatar o imaginário coletivo que lhe definiu a tessitura peculiar.

Em se tratando dos Caiado, em que pesem peculiaridades e traços individualizados das personagens biografadas, está a impregná-las a imagem pejorativa difundida a partir da demonização de Totó Caiado, sobre quem os posicionamentos são polêmicos e contraditórios. Nas fontes estudadas, alternam-se elogios e bajulações hiperbólicas com acusações extremadas, predominando os estereótipos negativos que o satanizam. Como desvestir as personagens reais dessa “pele”, que veio a recobrir toda a família? Subsidiariamente, como dissecá-la e entendê-la, em face dos valores que permeiam a cultura goiana?

Ao longo dos quase dez anos em que desenvolvi o presente trabalho, entrevistei diversos membros da família Caiado. Colhi relatos, repassados de autenticidade, do senador Emival Caiado, de quem gravei cerca de trinta horas de depoimentos; dele recebi também um belo texto autobiográfico, permeado de emoção e redigido no último ano de sua vida. Leonina Caiado – amável e prestimosa –, além de informações de inestimável valia, confiou-me documentos que li, organizei e analisei com minúcia, pois lançam luzes sobre assuntos obscuros ou mal contados, incorporados à história consagrada. Em entrevistas informais, Brasilete Caiado e Iracema Caiado de Castro Zilli focalizaram ângulos inusitados da história dos Caiado. De igual modo, foi rico e esclarecedor o depoimento de Maria Joaquina Curado, de quem também recebi papéis concernentes à trajetória da família, em meados do século XX.

Por ocasião da Revolução de 1930, na Cidade de Goiás, então capital do estado, os aliancistas – revolucionários vitoriosos – invadiram a sede do Partido Democrata e do jornal do mesmo nome. Arquivos foram destruídos e documentos queimados. Alguém deteve o vandalismo e parte dos papéis foi salva. Guardados, possivelmente, pelo próprio Interventor Federal, à época, estão disponíveis no Museu Pedro Ludovico, inclusive em versão digitalizada. Nada sobrou, porém, da coleção do jornal O Democrata.

Dos documentos resgatados, muitos dizem respeito a indivíduos. Alguns poucos são institucionais e procedem do acervo do Partido Democrata, tais como atas, registros de filiação, relatórios etc. Chegaram até nós, em maior número, cartas, telegramas, ofícios, requerimentos, pedidos de emprego, denúncias e protestos de fidelidade, que revelam as entranhas do coronelismo.

Totó Caiado – figura central na galeria dos vultos ilustres da família – tinha consciência da importância da História no julgamento dos pósteros, chegando a registrar ideias sobre o tema. Fez transcrever, nos Anais da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, documentos relativos a fatos controversos, ocorridos na vigência do caiadismo. Impedido de divulgar sua própria versão sobre os primeiros momentos da Revolução de 1930, valeu-se do recurso extremo de inseri-la nos autos do inventário de sua filha Cory de Carvalho Caiado, em depoimento que foi publicado, muitos anos depois, pelo advogado e escritor Alaor Barbosa.

Foram as mulheres, todavia, as responsáveis pela guarda da maior parte da documentação de interesse para a história dos Caiado. O acervo que me foi confiado por Leonina Caiado constitui-se de papéis inicialmente conservados por Consuelo Caiado. Compreende uma variada coleção de documentos que têm origem na atividade política da família, bem como em relações afetivas, expressas através de correspondência de cunho pessoal.

Dois conjuntos são particularmente significativos: no primeiro, composto de cartas dirigidas por Leonor Borba a Consuelo Caiado, há dados preciosos sobre a mentalidade feminina em Goiás, na década de 1920; no segundo, cartas escritas por Consuelo para o pai – quando o ex-senador Ramos Caiado estava retido no Rio de Janeiro – espelham as dificuldades e a disposição de luta vivenciadas pelos familiares do político deposto.

De Therezinha de Amorim Caiado, Eny de Oliveira Caiado e Inara Ramos Caiado recebi documentos igualmente valiosos, versando sobre assuntos pessoais e familiares, relacionados com personagens que viveram a saga dos Caiado. Especialmente sugestivo é o conjunto epistolar composto por cartas escritas por Totó para a esposa, Mariquita, durante o prolongado exílio a que foi obrigado o ex-senador, nos anos subsequentes à Revolução de 1930.

Da amiga Nice Monteiro Daher – além de generosas palavras de incentivo –, vieram-me algumas das fotografias que ilustram este livro. De igual modo, com a generosidade própria dos vilaboenses, Marco Antônio Veiga de Almeida franqueou-me seu precioso acervo iconográfico. Foi de inestimável valia a colaboração do ex-deputado Leão Caiado Filho, oferecendo sugestões, indicando fontes, corrigindo erros, redigindo textos informativos e explicativos. De igual modo, Jales Guedes Coelho Mendonça trouxe-me valiosa colaboração.

Quando concluí a elaboração do texto, Marcos Caiado cedeu-me fotografias do seu valioso acervo, muitas das quais vão publicadas. Com a ajuda de Sérgio Caiado, tornou-se possível a publicação do livro, graças ao apoio do governador Alcides Rodrigues e da presidente da Agepel, Linda Monteiro, aos quais expresso meu reconhecimento.

\*\*\*

Em busca das raízes ibéricas dos Caiado, visitei Caria, o vilarejo ancestral – por coincidência, situado nas proximidades de Castelo Branco, de onde vieram meus antepassados.

Arquivos particulares e públicos foram consultados em Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, revelando ampla documentação que, em parte, permanece inexplorada. Destaco a pesquisa feita no Arquivo Nacional, onde estão os inquéritos iniciados na Comissão de Sindicância de Goiás, remetidos para o Tribunal Especial, no Rio de Janeiro. No Arquivo do Fórum da Cidade de Goiás, encontram-se alguns processos instaurados contra políticos da situação decaída; no arquivo da família Caiado, existe uma cópia do inquérito referente à sedição da Serra do Cafezal, no município de Jataí, prólogo das “revoltas” e “revoluções” vividas no sudoeste goiano.

Trabalhar com testemunhos e documentos foi tarefa tão árdua quanto apaixonante. Além dos livros consultados, publicações diversas ofereceram suporte às pesquisas, clarearam dúvidas e iluminaram temas. A Informação Goyana revelou-se fonte indispensável. Coleções e números avulsos de jornais foram esmiuçados. Geralmente malcuidados e dispersos por arquivos precários, alguns estão acessíveis em microfilmes, na biblioteca da Câmara dos Deputados, em Brasília. Nesse terreno ainda há muito a fazer.

A história dos Caiado, contudo, não é só política. Começa na segunda metade do século XVIII, com o sesmeiro Manoel Cayado de Sousa que, com a esposa, Brígida Ribeira Soares de Almeida, estabeleceu-se nas matas da Paciência, nas cercanias de Vila Boa, capital da capitania de Goiás. Quando era forte a atração exercida pela mineração do ouro, o casal optou pela lavoura e criação de gado. A partir de então, gerações de seus descendentes desenvolveram – e ainda desenvolvem – atividades agropastoris, formando fazendas, produzindo e criando riquezas.

Em tempos ásperos e difíceis, abriram caminhos e estradas, plantaram sementes do progresso. Cavalgaram por longas distâncias, cortaram planaltos e planícies tendo por guias as estrelas, enfrentaram estiagens, tempestades, doenças, animais bravios e peçonhentos. Cultivaram a ética do desassombro e da coragem pessoal, segundo os parâmetros do rígido código de disciplina física e moral que se impuseram.

Do casal pioneiro provém numerosa descendência: são fazendeiros, políticos, profissionais liberais, militares, professores, servidores públicos, artistas e escritores, que patenteiam a vitalidade e fecundidade da família, entrelaçada com tantas outras que ajudaram a fazer Goiás.

Acompanhar a trajetória de alguns dos Caiado, por quase dois séculos, resultou em uma longa viagem ao passado. Muito aprendi nesse percurso pontilhado de episódios fascinantes, de personalidades épicas, ao lado de homens e mulheres comuns, também partícipes da História.

Os agradecimentos são muitos. De início, desejo expressar meu carinho e reconhecimento ao Floriano, companheiro de vida, pela compreensão e tolerância com que suportou as longas horas de reclusão em que vivi, durante a elaboração deste livro. Suas críticas e sugestões foram particularmente valiosas.

A Dina, irmã muito querida que tão cedo nos deixou, devo a transcrição cuidadosa dos depoimentos gravados. Igualmente valiosa foi a contribuição dos amigos – especialmente dos que tiveram a paciência de ler os originais, em suas muitas versões. Além dos já citados, lembro Gilka Ferreira, Maria Augusta Sant’anna Moraes, José Mendonça Teles e Maria Augusta Calado. Leda Xavier de Almeida, Íbis Bastos Ferreira e Antolinda Borges trouxeram-me informações e documentos que estariam inacessíveis, não fosse a boa vontade demonstrada.

Em momento de desânimo, colhi palavras de encorajamento da saudosa Belkiss Spenciere Carneiro de Mendonça. Maurício Sanford Fontenelle teceu comentários e expressou opiniões que me animaram a prosseguir. Nancy Ribeiro de Araújo e Silva, além de revisar notas e referências bibliográficas, presenteou-me com uma cópia do registro da sesmaria concedida a Manoel Cayado de Souza, documento arquivado na Procuradoria-Geral de Justiça do Estado de Goiás. Ático Vilas Boas da Mota franqueou-me o acesso a um capítulo inusitado da vida de Antônio José Caiado. Meu irmão, almirante Domingos Castello Branco Ferreira – que, evidentemente, lavra outras searas –, arduamente garimpou documentos no Arquivo Nacional.

Cumprir destacar, ainda, a gentileza dos funcionários dos arquivos pesquisados, em especial, do Arquivo Histórico do Estado de Goiás – bem como das pesquisadoras Marlene Araújo, Keley Cristina, Sália Diniz e Maria José Goulart Bittar.

Dos estudantes de graduação em História, recebi convite para proferir palestra sobre o trabalho em desenvolvimento. Foi instigante o interesse manifestado por colegas e alunos do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás: o professor Noé Freire Sandes, que leu e anotou o texto, além de elaborar a apresentação que o enriquece; a professora Waldinice do Nascimento, que me convidou para ministrar uma palestra sobre os arquivos pessoais pesquisados; o professor Luiz Sérgio Duarte, que abriu espaço na



programação acadêmica, permitindo a realização de exercícios conjuntos de análise de alguns documentos da família Caiado; o professor Leandro Rocha, que assegurou apoio institucional à publicação do livro. Foi um prazer revisitar o ambiente universitário, meu habitat durante tantos anos.

Se me pedirem para situar este trabalho na historiografia atual, não saberia fazê-lo. História social? História das mentalidades? História cultural? História da família? História das mulheres? Há um pouco de tudo, sendo que, eventualmente, talvez tenha adquirido contornos literários, ainda que não ficcionais.

Engolfou-me a riqueza dos acervos, de tal sorte que houve momentos em que os documentos ditaram os caminhos a seguir.

De algum modo, tentei elaborar uma renovada história regional, refugiar ao determinismo e ao economicismo predominantes em boa parte da historiografia goiana.

Esmiuçando a micropolítica, procurei ressaltar a luta pelo poder, em várias instâncias e em momentos diversos. Assumidamente, perfilho o “ressurgimento da narrativa”, com a valorização do interesse pelos eventos, na esteira da desilusão com o modelo de explicação marxista. Estou ciente de que – como afirmava Fernand Braudel<sup>3</sup> – a história dos acontecimentos é a superfície da História; tenho-os, todavia, como espelhos que refletem as estruturas e, ao mesmo tempo, modificam-nas.

Poderá ser visto este livro como uma coletânea de biografias? Talvez, mas não exclusivamente, até porque está claro que há um nexos maior na longa duração de determinadas características da sociedade goiana: a violência estrutural imanente, a predominância de grupos aparentados no poder, a dicotomia irreconciliável entre oposição e situação, com a consequente purgação dos derrotados, em momentos de aparente ruptura. E aí está a permanência mais expressiva: na História de Goiás, as mudanças são mais epidérmicas do que reais, ao menos até a década de 1960, data-limite do estudo.

Com o trabalho que me propus realizar e que ora ofereço aos leitores, creio estar contribuindo, embora de forma modesta, para o conhecimento da História de Goiás, ainda não suficientemente valorizada em toda a sua complexidade e beleza. No horizonte dos meus objetivos, permito-me lembrar Lucien Febvre, quando afirma que a obra histórica “é aquela que, além do local e nacional, visa o humano”.<sup>4</sup> Espero ter alcançado essa dimensão.

#### NOTAS

1. Entrevista com o historiador Jacques Le Goff. Apud Barros, José d’Assunção. O campo da história: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 197.
2. Idem, p. 201.
3. Braudel, Fernand. A longa duração. História e Ciências Sociais. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, [s.d.]. p. 7-70.

4. Lucien Febvre, apud História e psicologia, segundo Febvre (1938). In: Motta, Carlos Guilherme (Org.). Febvre: história. São Paulo: Ática, 1978. p. 111.

--

#### Um monumento à dinastia Caiado

Acaba de vir a lume, pelas mãos hábeis e sábias de Lena Castello Branco Ferreira de Freitas, a monumental obra de história social “Poder e paixão – a saga dos Caiado”, Cãnone Editorial, 2 volumes, 1.004 páginas, com farta documentação iconográfica. Traz, esse colossal trabalho, o abono de um dos maiores historiadores de Goiás, Nasr Fayad Chaul, professor titular da Faculdade de História da UFG, que, como presidente da Agepel, promoveu uma verdadeira revolução cultural em terras do Anhanguera, em apreciação crítica que toma as orelhas de ambos os volumes.

Como se esse valoroso abono, verdadeiramente consagrador, não bastasse, a obra é enriquecida pela Apresentação do Prof. Noé Freire Sandes, docente do Departamento de História da UFG, que assinala:

“A envolvente narrativa, acrescida de minuciosa pesquisa, resultou nesta obra definitiva sobre a família Caiado. E, para isso, Lena Castello Branco analisou os principais acontecimentos políticos do mundo goiano entre os séculos XIX e XX, recuando até mesmo ao Século XVIII, em busca dos rastros dessa família na época do ouro.”

Por sua vez, Nasr Chaul acentua:

“Contando com farto acervo, inclusive documentos inéditos disponibilizados pela família Caiado, a autora apresenta um Totó Caiado pluridimensional. Sua vida, seus amores, suas ligações com a família e com a terra, suas lutas, sua formação e visão de mundo, a defesa de Goiás na passagem da Coluna Prestes, as articulações políticas, as interligações familiares, as prisões, denúncias, censura e perseguições quando das mudanças dos rumos da política, tudo é analisado e repensado sob outra ótica”.

Para a elaboração dessa gigantesca obra, Lena realizou amplas pesquisas em Goiás (Cidade de Goiás e Goiânia), São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, além de consultar arquivos e acervos particulares.

Compreendendo dois volumes, cada um com mais de 500 páginas, a obra está dividida em oito partes, além da Introdução.

Na primeira parte, Lena busca as origens mais remotas da família biografada: a partir de Caria, onde se situam as raízes ibéricas dos Caiado. Na segunda parte, segue o jovem caminhante, Antônio (Totó) Ramos Caiado, filho primogênito de Torquato e Claudina Fagundes de Azevedo Caiado. Na terceira parte, percorre, com a família Caiado, os “caminhos sem fim” nas terras do Anhanguera, enfocando tramas e urdiduras, e as lutas da oposição versus situação. Na quarta parte, trata da borrasca, flores e das cartas a Consuelo. Na quinta parte, enfoca a violência no sertão, a força das armas, os mitos e os demônios criados pelo imaginário popular. Na sexta parte, a chegada do crepúsculo, a gente da gleba.

Na sétima parte, focaliza os “tempos temerários”, as “vozes do silêncio” e o tempo de madurar.

Na oitava parte, situa, Lena, o “tempo de lutar”, o “tempo de construir” e o “tempo de mudar”.

À guisa de conclusão, Lena faz pertinentes considerações sobre as mudanças políticas, em Goiás, com o advento do movimento militar de 1964. E registra: “Na década de 1970, acentua-se a presença dos Caiado na política de Goiás. A liderança familiar é exercida por Emival, deputado federal em quatro legislaturas e, em seguida, senador da República. Seu irmão Elcyval também se elege, por três vezes, deputado estadual, vindo a ser presidente da Assembléia Legislativa e, na sequência, deputado federal. O médico Brasília Caiado segue os passos do pai, Brasil Caiado, na profissão e no humanitarismo; depois de dois mandatos na Câmara dos Deputados, é eleito prefeito da Cidade de Goiás. Ibsen Henrique de Castro, Leão Caiado Filho, Ernesto Roller e Luis Antônio Caiado Guedes de Amorim destacam-se na Assembleia Legislativa do Estado, e na Câmara Municipal de Goiânia” (vol. II, pag. 468).

É curioso que esse monumento à Dinastia Caiado tenha sido elaborado, na bibliografia goiana, brasileira, por uma historiadora do Piauí, vinda lá do delta do Parnaíba. É que a afinidade entre os Castello Branco e os Caiado tem a idade de três séculos, - eis que o vilarejo de Caria, donde procedem os Caiado, situa-se no Distrito de Castello Branco, região leste de Portugal.

Enfim, os Caiado de Caria vem encontrar-se com os Castello Branco do leste português, no Planalto Central de nosso país. Uma afinidade telúrica que se consolida ao longo de trezentos anos cristalizada numa obra que vai atravessar os séculos porvindouros.

Diário da Manhã, 29/05/2010

Licínio Barbosa é advogado criminalista, professor emérito da UFG, professor titular da PUC-Goiás, membro titular do IAB-Instituto dos Advogados Brasileiros-Rio (IAB /RJ), e do IHGG-Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), membro efetivo da Academia Goiana de Letras, Cadeira 35 (liciniobarbosa@uol.com.br).

--

Uma revolução na arte, na técnica e na ciência de escrever História

Um belo e revolucionário livro: “Poder e Paixão: A saga dos Caiado”, de Lena Castello Branco Ferreira de Freitas, em dois volumes (521 e 542 páginas), da Cãnone Editorial, de Goiânia. Mais do que a história de uma família, é uma nova História de Goiás, abrangendo o período que vem de 1770, quando o primeiro Caiado obteve a concessão de uma sesmaria em Goiás, até a inauguração de Brasília, em 1960, enfocando um dos mais turbulentos, difíceis e decisivos momentos da consolidação do estado. Também se conta a história de outras famílias, de outras personagens, com a atuação de um grande número de coadjuvantes. Uma obra que não faz história pela História, mas que vai simultaneamente em múltiplas direções: História Social, História Cultural.

História de Homens e Mulheres, História das Mentalidades, oferecendo novas abordagens e enfoques para uma melhor compreensão, em conjunto, da História de Goiás e do Brasil.

Uma obra escrita com engenho e arte e muita inteligência e rigor científico e que faz cessar muito do que a Musa/Clio antiga cantou, porque é um trabalho inovador/renovador, feito com extrema competência, seriedade, fé e tenacidade, com isenção e imparcialidade, por mais que o tema/os temas sejam envolventes e apaixonantes.

Uma novíssima História de Goiás que, ao acompanhar a trajetória de uma família que ajudou a construir o estado, lança luzes e oferece novas visões sobre muitos capítulos e páginas nebulosas. É assim que vamos melhor entender o que aconteceu em São José do Duro, “Santa” Dica, a Revolução de 1930, a Revolução Constitucionalista de 1932 (a “Guerra Paulista”, como a chamou Hélio Silva) – e mais, muito mais.

A abertura do capítulo “Mitos e Demônios” traz uma interessante e rica reflexão sobre mitogenia e mitologia – o herói, o mito e a epopéia (da p. 123 à 125), que é uma verdadeira aula e uma advertência: “O historiador que busca traçar um retrato fiel parte de princípios de indeterminação e de contradição, para desvendar na personagem traços de grandeza e pequenez, de magnificência e de miserabilidade, quando os há. Em muitos casos, porém, a elaboração da história não se faz pelo matizamento, mas pela tipificação, mediante o realce dado a ações ou atributos que seriam típicos de determinada personagem, para que sirva de modelo ou exemplo”.

Num estilo fluente, numa narrativa clara, lúcida, objetiva, um largo período da História de Goiás é apresentado, analisado, esmiuçado. “Poder e Paixão: A saga dos Caiado” é obra de uma notável historiadora, de uma sagaz pesquisadora de mil fôlegos, que é também uma extraordinária escritora, de grande talento, que domina como poucos, pouquíssimos, a língua portuguesa e a arte de escrever, de dizer o quase indizível.

Numa época em que proliferam, de forma quase alarmante, nas várzeas da sublitteratura, as biografias comerciais,louvaminheiras, mal escritas e mal pesquisadas, feitas por encomenda e destinadas a transformar insossos heróis domésticos em personagens históricas que dão orgulho a familiares e amigos, a obra da historiadora Lena Castello Branco Ferreira de Freitas é um exemplo a ser seguido, por mais difícil que seja. Porque de agora em diante todos os historiadores – inclusive e principalmente os de almanaque – terão de entender que o simplesmente episódico não faz História e terão de dessedentar-se em “Poder e Paixão: A saga dos Caiado”, divisor de águas e obra de referência de valor permanente, cuja importância o tempo, com o seu tamis implacável, só fará aumentar.

A obra poderia vir até 1964, quando o golpe udenista-militar de 1º abril (atenção: 1º abril, e não 31 de março, como se pode ver nos jornais da época; a data foi antecipada para evitar o ridículo do Dia da Mentira. Veja-se Afonso Arinos de Melo Franco, “Planalto”, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1968, p. 263.) deu força à UDN de Goiás e trouxe os Caiados à cena política com mais poder, guindando um deles – Leonino Caiado – ao governo do estado. O Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, que bem conhecia Mauro Borges, não queria afastá-lo do governo, mas acabou cedendo às pressões da UDN de Goiás, como conta o General Ernesto Geisel na entrevista a Maria Celina d’Araújo e Celso Castro, em “Ernesto Geisel”, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 188. E o próprio Pedro Ludovico também foi cassado. Hodie mihi, eras tibi, já diziam os romanos.

E é oportuno lembrar que uma obra do porte de “Poder e Paixão: A saga dos Caiado”, de Lena Castello Branco Ferreiras de Freitas, só poderia vir a lume graças à Cãnone Editorial – com o talento, a competência e a paixão de editar da Professora Ione Oliveira Valadares – e do Governo de Goiás, através da sensibilidade e visão cultural do Governador Alcides Rodrigues e da presidente da AGEPEL, Linda Monteiro, que tão prontamente se deram conta da importância da obra.

Jornal da Cultura Goiana / Junho 2010.